

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi motivada por uma série de questionamentos que surgiram em decorrência do meu engajamento em um projeto de tradução de um livro de contos sufis, de Idries Shah. Apesar das narrativas do livro promoverem diversas ideias positivas, tais como lealdade, valentia e persistência, uma leitura mais atenta – necessária para a tradução – revelava que as narrativas apresentavam também sob um prisma positivo ou neutro outros ideais que conflitavam ideologicamente com minha forma de ver o mundo. Essa divergência se manifestava em excertos que vangloriavam a tirania de governantes, exaltavam a pena de morte e banalizavam a misoginia. A percepção desse antagonismo fizeram-me questionar qual seria a forma mais ética de traduzir um texto ideologicamente contrário às convicções do tradutor .

Na mesma época, conheci o projeto de tradução feminista de Susanne de Lotbinière-Harwood. A tradutora canadense, ao ser confrontada com uma situação análoga, optou por tornar-se visível em seu texto final. Ao lançar mão de técnicas de tradução feministas intervencionistas, Lotbinière-Harwood buscou corrigir desigualdades na representação feminina nos textos, dando voz às mulheres e tornando-se ela mesma mais visível. O resultado desse trabalho encontrou uma recepção bastante positiva no Canadá, chegando a receber o prêmio de literatura franco-canadense concedido pela Universidade de Columbia, em 1991.

Lotbinière-Harwood optou por intervir no texto, ao passo que eu optei por manter o texto o mais próximo possível da forma que eu o compreendia. A proposta tradutória de Lotbinière-Harwood encontrava respaldo no contexto sociocultural no qual se encontrava. O tema do feminismo – e, mais especificamente, da representação do feminino na linguagem – estava em pauta não só nos círculos teóricos do país, como também era abordado em contextos sociais mais amplos. O *Office de la langue française*, localizado em Québec, por exemplo, desenvolveu designações de cargos de trabalho não identificadas por gênero. O livro traduzido por mim, por sua vez, admitia pouca intervenção, e dificilmente seriam aceitas sugestões de acréscimo de paratextos. O questionamento de qual seria a forma mais ética de lidar com textos ideologicamente divergentes motivou, portanto, a realização desta pesquisa.

Para embasar teoricamente o trabalho, inicialmente, no capítulo 2, foi traçado um breve histórico das teorias relativistas, e a forma como esse pensamento se

desenvolveu ao longo dos séculos, abrindo espaço para o que ficou conhecido como desconstrutivismo. Como visto, muitos teóricos defendem que os fatos são, na verdade, interpretações construídas com base em critérios estabelecidos dentro de um enquadramento específico, de modo a construir uma ficção útil para um propósito particular. Desse modo, teorias distintas não necessariamente invalidam umas as outras. Ainda assim, o conhecimento construído conta com bases bem definidas, e o respeito aos critérios daquela ficção em particular é essencial para que a utilidade daquela abstração seja mantida.

Em seguida, a análise concentra-se sobretudo na área dos Estudos da Tradução, marcadamente influenciada pelo pensamento pós-estruturalista. O pós-estruturalismo, como visto, é um dos últimos desdobramentos do relativismo, e tornou-se um dos principais enfoques teóricos na área dos Estudos da Tradução. É proposto que, apesar de ser comum a ideia de que o desconstrutivismo autorizaria um menor compromisso com a busca da “melhor tradução possível” – já que o julgamento qualitativo seria subjetivo e contextual – Derrida, criador do termo, parece afirmar o contrário. Para o filósofo, uma tradução relevante deve atender ao critério da economia. A melhor tradução possível em termos de qualidade é diferente da melhor tradução possível em termos de quantidade, e o tradutor deve buscar equilibrar esses dois fatores concorrentes. Isso faz com que a tradução seja, essencialmente, o ofício da escolha. E essas escolhas muitas vezes são permeadas pela ética. O tema da ética é discutido mais demoradamente no quarto capítulo.

Na primeira parte do terceiro capítulo, é apresentada a forma como o fenômeno da tradução feminista surgiu e se desenvolveu no Canadá. Discute-se as diferentes formas de intervenção e como isso foi recepcionado no país na época. Como visto, esse movimento desenvolveu-se em um contexto sociocultural bastante específico, que legitimava até as mais extremadas formas de intervenção ideológica. Na segunda parte do terceiro capítulo, são apresentados alguns exemplos da repercussão do movimento canadense em outros países. Muitas das vezes, as tradutoras souberam incorporar de forma produtiva essas novas ideias, adaptando-as aos diferentes contextos. Em alguns casos, porém, uma assimilação descontextualizada gerou conflitos entre tradutoras, editores e autores.

Finalmente, no quarto capítulo foram discutidas as questões éticas envolvidas na intervenção ideológica deliberada do tradutor no texto. A análise baseou-se no

trabalho de alguns dos principais teóricos da área, tais como Berman, Pym, Venuti e Godard.

No final do capítulo, retorno às questões que motivaram a elaboração desta pesquisa, discutindo o tema da ética especificamente nos casos relativos à intervenção ideológica deliberada. Proponho que a escolha intervencionista de Lotbinière-Harwood se justificava no contexto em que ocorreu, era vantajosa em algumas instâncias e de fato promoveu avanços para a representação do feminina na linguagem. Ainda assim, destaco alguns pontos positivos de uma tradução não intervencionista em textos considerados ideologicamente inadequados pelo tradutor:

- (a) tal abordagem posiciona o tradutor como um profissional mais confiável aos olhos do mercado;
- (b) é criada uma relação de respeito com o leitor, que é tratado em par de igualdade com o tradutor no tocante a capacidade deste de julgar por si só o que lhe é apresentado;
- (c) mantém visível o pensamento hostil presente no texto de partida, ajudando o leitor a compreender as raízes históricas do conteúdo hostil, contribuindo para um combate mais eficaz dessas ideias;
- (d) não higieniza as partes hostis do texto, pintando um retrato mais rico e complexo das culturas e suas representações, permitindo que o leitor teça sua própria malha de pensamento crítico.

Em *A veiled gazelle*, os trechos “inaceitáveis” são uma fração de todos os ensinamentos belos, criativos, construtivos no texto. Essa incompatibilidade ideológica não desqualifica os outros atributos positivos. É positivo superar o conceito reducionista de que uma pessoa (um texto, uma coisa) é boa ou má, certa ou errada. O ser humano e seu mundo são contraditórios. Bem e mal, certo e errado são conceitos precários. Apresentar um texto com suas contradições é dar ao leitor a possibilidade de elaborar por si só a construção do seu pensamento crítico. Algumas situações específicas permitem (ou exigem) que o texto seja acompanhado de paratextos explicativos. Outras não.

Um caminho menos acidentado em direção a uma maior visibilidade do tradutor talvez venha justamente por meio do reconhecimento dos lugares adequados de expressão. Representar respeitosamente o discurso do outro, sem desqualificá-lo

ou abafá-lo, não é incompatível com a expressão crítica e autoral do tradutor em outros espaços. Soluções mais construtivas para os problemas complexos talvez sejam encontradas justamente ao darmos visibilidade aos mais divergentes discursos, ainda que deles discordemos. Calar manifestações divergentes pode resultar em consequências diametralmente opostas à pretendida, uma vez que o debate do mais desconfortável dos temas continuará a ocorrer em outras esferas. Essa segregação trabalha contra a construção de um debate maduro e construtivo. O cerceamento à discussão de ideias, por mais inaceitáveis que sejam, é uma faceta autoritária da militância progressista, que arrisca sabotar a conquista de seus tão almejados propósitos.